



### ZAPING

Esta é uma crónica de *zaping*. Não vale a pena ajustar seja o que for. A informação seguir-se-á à alucinante velocidade e desconexão a que nos vêm habituando os media. Qualquer tontura cura-se com os comerciais...

Este é igualmente um exercício de altruísmo. Ironicamente vou demorar-me um pouco pelos outros. O nosso Vergílio Ferreira elucidou-nos, á sua maneira, acerca do egoísmo. Egoístas e altruístas demoram tempos diferentes a chegar a si próprios, porque os últimos se demoram pelos outros. Hoje vou demorar-me...

A viagem pela mundividência actual leva-nos a definir um roteiro através da nossa identidade, fazendo uma incursão por aspectos da personalidade. A história vista pelas janelas actuais não tem, com certeza, o requinte de uma batalha bem relatada e pormenorizadamente condimentada pelos antigos cronistas do reino. Mas tem o condão de chegar a mais gente, de confundir mais gente e de criar mitos. É impossível ficar indiferente. São *Big brothers*, são *Big* cantores, são *Big* apostadores, são *Big* destemidos, por aí fora. São os heróis de agora. Somos loucos! Não há outra explicação. Reinstituímos o culto da personalidade, deslocando o enfoque para o espúrio, para o efémero, para o aparente. Nada na história nos ensinou a olhar e ver, nada na filosofia nos ensinou a questionar, nada na vida nos ensinou a viver. Pois seja, mudemos de canal.

O homem de hoje saboreia a história pela televisão. Sendo a realidade editada a substituir a história que se podia criar; mas cria-se uma outra história alternativa. É a época de ouro da apatia com uma mistura de inquietação. Os estímulos mudam à alucinante velocidade de «mais do que podemos processar», por isso acabamos por não responder convenientemente aos diversos estímulos. Até os noticiários apresentam rodapés velozes, tudo se começa a processar a uma velocidade estonteante. Perdemos então a calma perante tudo o que se desenrola à velocidade humana. Não refile! Refreie-se! A vida não é isso, por tal mudemos de canal.

O homem, sentado em frente do seu computador *Pentium* qualquer coisa, com um processador do «futuro que é já agora», convive virtualmente.



Como é possível, como é higiénico, como é comprometedor, o indivíduo aliena-se em frente do ecrã, entra no chat e torna-se em alguém que não é. Conheça namorados! Conheça o *Elvis*! Bem este já morreu, segundo dizem. Mas, se estiver vivo, é porque ficou preso na teia de nível mundial. Foi Umberto Eco que fez um particular inventário acerca das horas gastas no seu dia-a-dia, chegando à conclusão que, se não parasse de fumar, as horas do dia não lhe chegavam para os seus afazeres. Meu caro Umberto Eco, não se ligue à internet! Mudemos de site.

Os programas do *National Geographic* mostram-nos as últimas tribos em estado selvagem, em trabalhos etnográficos que põem a nu a verdadeira essência do que se chama civilização. As novas modas tribais renascem e povoam o globo inteiro, são os brincos, são os *piercings*, as tatuagens, etc. Mas isto parece-me apenas um problema de desfocagem. Nas organizadas comunidades ditas selvagens, o uso destes artefactos é regulamentado pela tradição. Não há, ao que parece, os que aceitam e os que não aceitam, é assim e pronto (ou «prontos» - na versão quase dicionável da actualidade). Já se vê que hoje as coisas não são tão tacitamente aceites quanto isso. Por essa razão vemos a duplicidade que brota dos conflitos entre o estar integrado e o estar em rota de colisão com inúmeros outros membros (porventura, estes sim, ligados e agarrados à tradição). Mas lá se vão abrindo espaços por todas as cidades para acolher e proporcionar alienação nocturna a uma boa parte desses grupos individualizados, e encontros anuais onde a polícia deve «ter paciência», porque parece ser permitido transgredir quando se está entre iguais – o resto da sociedade que se lixe! Perdoem o vernáculo, e mudemos de canal.

Não há dúvida, os chineses já chutavam numa bola há muitos séculos atrás, até muito antes dos ingleses. Mas foram inteligentes ao ponto de não fazerem tanto alarido à volta do «desporto rei». Se calhar deveríamos enumerar as características que assentam a um Rei, e comparar! Não, talvez baste mostrar que a palavra desporto já pouco se enquadra com a guerra que o futebol é. No entanto, é preferível guerrear num campo de relva a fazê-lo num campo de refugiados, na Palestina, na Faixa de Gaza ou em Israel. Ou mesmo do que fazer guerras preventivas perpetradas por «enganadores sinceros». Mas também no futebol existe a polémica acerca da existência de vedações a separar os dois lados da questão. A violência é uma pecha social. Está em todos os canais, mudemos com prudência de canal.



O bom do mundo é as crianças. E continuará a sê-lo, mesmo depois dos diversos escândalos de pedofilia, hiperbolicamente retratados pelos meios de comunicação social. Onde a violência contra a sensibilidade se mescla com a notícia, nasce um novo tipo de jornalismo, que dos actos lamentáveis e inadmissíveis dos pedófilos suga uma seiva contaminada que arremessa, descontrolada, contra todos os ouvintes e leitores. O nível de contra-informação e de especulação é preocupante. Para além de termos de separar o trigo do joio em relação ao fundamental das notícias, deparamo-nos igualmente com a necessidade de descobrir, porque é disso que se trata, quem fala a verdade! Televisão – verdade: uma dicotomia assumida pelos media como possuindo uma relação dúbia de não necessidade. É tempo da mira.

Agora que são centenas de canais de televisão disponíveis, vinte quatro sobre vinte e quatro horas; *internet* por banda larga a todo o momento; e telemóveis de última geração; que ferramentas possuímos para manter o fundo humano das nossas crianças e dos nossos adolescentes? A força de vontade, para combater e resistir aos estímulos criados deliberadamente para viciar, terá de ser cultivada como se uma disciplina obrigatória se tratasse. É preciso saber dizer «desta água não beberei» e desligar.

Click.